

Pequenos apontamentos acerca da teoria de Andre Gunder Frank.

GT 33 - Sociologia do Desenvolvimento

Dora Vianna Vasconcellos¹

Resumo

Andre Gunder Frank defende a tese de que capitalismo mundial possui uma natureza comercial monopolista que gera simultaneamente o moderno e o atraso. Por isso, designa o capitalismo moderno como um sistema de produção ainda colonial que desenvolve-se criando metrópoles desenvolvidas e países satélites subdesenvolvidos. Valendo-se desse diagnóstico, tece explicações a respeito do subdesenvolvimento que levam em consideração a unidade do sistema capitalista, sua estrutura monopolista e o seu desenvolvimento desigual e explica a crise da agricultura brasileira.

Palavras-chaves: Pensamento Social Brasileiro, Pensamento Político Brasileiro, Sociologia do Desenvolvimento.

1.Introdução

Andre Gunder Frank defende que a América Latina sofre um desenvolvimento parcial porque a sua população é econômica, política e culturalmente dependente do poder metropolitano estrangeiro. Sustenta que esta região sofre um subdesenvolvimento que é reflexo da estrutura monopolista do capitalismo mundial que expande por todo o globo relações colonialistas entre os países, cidades e regiões. Com essa teoria rejeita a tese de que a América Latina possui uma estrutura dual, apresentando setores avançados e outros, atrasados.

Para o autor, o capitalismo penetrou efetiva e totalmente em todas as regiões do mundo, sendo por esta razão errôneo supor o subdesenvolvimento como um atraso dessa difusão. O subdesenvolvimento é entendido em Gunder Frank como uma necessidade do próprio desenvolvimento do sistema capitalista mundial. Em consequência disso, considera os países metropolitanos desenvolvidos e países satélites subdesenvolvidos como partícipes de um sistema mundial que gera simultaneamente tanto o desenvolvimento como o subdesenvolvimento. Por esta razão, denomina o sistema econômico atual como modo de produção capitalista-colonial.

O objetivo deste estudo é evidenciar quais são as repercussões que essa construção teórica possui para o entendimento da questão agrária no Brasil. É interessante lembrar que Gunder Frank, ao fazer uma crítica das teorias duais, questionou tanto a ideia da revolução burguesa abraçada pelo partido comunista brasileiro e também latino-americano, como também às teses que acreditavam que o avanço do liberalismo promoveria a superação do subdesenvolvimento. Em função disso, sua teoria acabou por ser também uma crítica a todo pensamento social brasileiro que esteve apegado, até a década de 1960, a ideia do reformismo.

2. A teoria e as hipóteses.

A hipótese que fornece sustentação à teoria de Gunder Frank é a de que o modo de produção capitalista-colonial se constituiu estabelecendo uma série de constelações metrópoles-satélites que atingiram todo o globo. Supõe que os satélites se integraram uns aos outros por meio da dependência

¹ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade – CPDA/UFRRJ. E-mail: doravasconcellos@ig.com.br

que todos possuem em relação aos centros econômicos hegemônicos do capitalismo mundial, Europa e Estados Unidos. As metrópoles nacionais ou locais seriam centros intermediários que reproduziriam os interesses das metrópoles hegemônicas produzindo nas regiões periféricas o subdesenvolvimento. Assim, o capital nacional, convertendo-se em satélite das metrópoles mundiais, serviria para manter a estrutura monopolística e as relações de exploração do sistema capitalista-colonial que faz o desenvolvimento da metrópole ser uma função do subdesenvolvimento dos países satélites.

A constatação da existência de uma série de constelações metrópoles-satélites levou o autor a apresentar cinco hipóteses em relação subdesenvolvimento².

A primeira delas refere-se a crença de que o subdesenvolvimento não é consequência da sobrevivência de instituições arcaicas ou da falta de capital em regiões que se mantiveram isoladas no decorrer da história do mundo. Para ele, “Por el contrario, el subdesarrollo há sido y es aún generado por el mesmo proceso histórico que género también el desarrollo económico; el desarrollo del próprio capitalismo” (FRANK, 1973:26). Deste modo, defende que o desenvolvimento da metrópole provoca simultaneamente o subdesenvolvimento das metrópoles nacionais subordinadas.

A segunda hipótese que sustenta é a de que os satélites sofrem seu maior desenvolvimento industrial capitalista clássico quando os vínculos com as metrópoles são débeis. Com isso o autor nega que o desenvolvimento dos países subdesenvolvidos é consequência do maior grau de contato com os países desenvolvidos. Com isso, afirma que a industrialização autônoma que alguns países da América Latina puderam desenvolver num curto período de tempo foi consequência do debilitamento dos laços comerciais com os países centrais e não ao contrário.

Desse raciocínio decorre a terceira hipótese, que considera que a estrutura metrópole-satélite faz com que as regiões mais subdesenvolvidas e que possuem ainda aspectos feudais sejam aquelas que possuem os laços mais estreitos com as metrópoles. “Esta hipótesis contradice la tesis generalmente sostenida de que la frente del subdesarrollo regional sons su ailamiento y sus instituciones pré-capitalistas” (FRANK, 1973: 29).

A quinta hipótese desenvolvida por ele é a de que o crescimento do latifúndio e da semi-servidão nos países subdesenvolvidos acontece em função da receita econômica desses países ser sempre transferida para as metrópoles por causa da estrutura monopolística do capitalismo. Esses instituições tidas como atrasadas seriam então respostas comerciais à crescente demanda externa do capitalismo mundial.

Essas hipóteses levaram Gunder Frank a considerar que o setor capitalista avançado dos países latino-americanos não podem estender o desenvolvimento aos setores atrasados de sua economia porque eles repetem o modelo da metrópole-satélite na periferia. Por esta razão, o autor defende que a burguesia nesses países não é capaz de gerar outra coisa, a não ser o subdesenvolvimento. Essas suposições levaram Gunder Frank a defender o socialismo como única saída para a América Latina. A luta de guerrilha contra a burguesia nacional seria o meio a partir do qual os países latino-americanos deixariam de ser dependentes, alcançando, assim, o desenvolvimento autônomo.

3. A crítica às teorias dualistas.

A teoria de Gunder Frank é uma crítica às teorias dualistas que sustentam a existências de áreas desenvolvidas e subdesenvolvidas como partes separadas oriundas da maior ou menor difusão do capitalismo no globo. O autor afirma que essas teorias supõem que as partes atrasadas são marcadas por sobrevivências feudais enquanto que as mais avançadas, pelo capitalismo. Desta suposição viria a crença dos adeptos do liberalismo, para quem a superação do subdesenvolvimento era possível apenas

² FRANK, 1969.

estendendo o modernismo ao setor arcaico, incorporando-o ao mercado nacional e mundial, e a crença dos marxistas, que acreditam na necessidade de se completar a penetração capitalista nas áreas feudais por meio da revolução democrático-burguesa.

O autor marxista não compartilha de nenhum desses prognósticos. Para ele, o sistema capitalista precisa ser visto como um sistema único que estabelece, por meio da própria dinâmica do capitalismo, a contradição entre países exploradores e países explorados. Essa seria a unidade dialética do capitalismo reconhecida a partir da noção de imperialismo.

Essa construção permite Gunder Frank entender o processo simultâneo e dialético do desenvolvimento e do subdesenvolvimento. As metrópoles e os satélites estariam integrados no sistema capitalista mundial remontado a relação entre exploradores e explorados denunciada pela teoria marxista. Esse fato geraria nos países satélites a descapitalização, a carência estrutural de produtividade e relações de trabalho com alto grau de extorsão da mão-de-obra.

A dialética estaria no fato de que a medida que a população é integrada ao sistema capitalista, ela segue sendo marginalizada dele, sendo despojada de suas terras e de seus meios de vida. Isso acontece porque os recursos das regiões subdesenvolvidas são drenados pelas metrópoles externas e internas ao próprio Brasil e América Latina, impedindo que as receitas fiquem aqui e gerem incrementos nas relações de produção e nos meios e modos de vida de suas populações.

Y la estructura esencial y consecuente del imperialismo, a saber las relaciones de explotación de las metrópolis desarrolladas con las periferias explotadas subdesarrolladas, son parcialmente reproducidas dentro del ámbito de cada sociedad, de cada nación y Estado, y hasta de cada región y sector. Em todos los países subdesarrollados son sus metrópolis las que tienen maior contacto con las metrópolis mundiales. Estas metrópolis nacionales consecuente y simultáneamente (y por supuesto las metrópolis mundiales capitalistas también), mantienen una relación de explotación con sus respectivas periferias provinciales, que son extensión que las metropolis mundiales capitalistas mantienen con ellas. Em los niveles regionales y locales sucede lo mismo. (FRANK, 1973: p 2010)

A constatação da existência de constelações metrópoles-satélites ao longo do globo leva Gunder Frank a concluir que

La contradicción interna esencial del sistema capitalista em su conjunto aunque permite el desarrollo relativo de algunos, reproduce y mantiene el subdesarrollo de La mayoría em los niveles internacional, nacional, regional y local. Em cualquiera de esos niveles, por tanto, la única manera de superar el subdesarrollo es por médio de La salida socialista de La estructura capitalista que necesariamente lo mantiene y reproduce. No hay sociedad dual ni tercero mundo (FRANK, 1973: p.211).

O autor contraria as teses da sociedade dual porque ela altera a universalidade da doutrina marxista e da luta revolucionária. Afirma que nunca teve ilusões acerca da possibilidade de um terceiro caminho via uma revolução que pressupunha o apoio da burguesia nacional e uma saída diferente da socialista para superar o subdesenvolvimento colonial imperialista.

Gunder Frank considera que em países satélites a ação da burguesia, apesar de contribuir para algumas formas de liberação da economia, reforça o laço deles com o imperialismo e o

subdesenvolvimento. Por isso, defende que a luta revolucionária deve se dirigir contra a burguesia nacional. Para ele, não fazia sentido prever uma mítica revolução burguesa como solução para o imperialismo. Com essa constatação, faz uma crítica a linha política “errônea” e “desastrada” defendida pelo partido comunista brasileiro e outros grupos de esquerda da América Latina como um todo. Gunder Frank apóia-se no marxismo leninismo para defender a luta revolucionária contra o subdesenvolvimento.

Esse ponto de vista baseia-se no pressuposto de que não há no Brasil e tão pouco na América Latina nenhuma sobrevivência feudal que precisava ser superada pelo maior desenvolvimento do próprio capitalismo. Para Gunder Frank, o sistema capitalista é mundial e único, “es una sociedad dialécticamente dual com partes diferentes, pero no separadas: una explotada por la outra” (FRANK, 1973: p. 220). Supõe a existência de uma estrutura colonialista monopolista que não se modificou com a independência política dos países latino-americanos.

A teoria da constelação metrópole-satélite está baseada na ideia de que o modo de produção capitalista colonialista imperialista expande-se a medida que instala uma estrutura monopolizadora que divide os países, as regiões e os locais em exploradores e explorados. Desenvolve a partir dessa suposição os conceitos de colonialismo externo e colonialismo interno. Com esses dois conceitos capta a dialética presente entre as partes que compõem o todo, demonstra a existência de uma periferia subdesenvolvida explorada pelas metrópoles internas e externas. A contradição exploradores e explorados ressurgem internamente dentro das nações, regiões e locais compondo um sistema mundial de metrópole-satélite.

Contudo, a existência da estrutura do colonialismo interno e externo não faz Gunder Frank descartar a possibilidade de uma aliança entre operários e camponeses na luta revolucionária rumo ao socialismo. O autor lembra que o conceito de colonialismo interno e externo é utilizado pelos teóricos burgueses como se ele tivesse uma função mais ampla que a estrutura de luta de classes, fato que os permite não condenar o sistema capitalista como um todo.

Para Gunder Frank, a estrutura do colonialismo interno e externo e do imperialismo não substitui a estrutura de classes, mas a complementa. A tese do colonialismo interno e externo está intimamente ligada à teoria marxista porque revela a estrutura de classe na qual a burguesia se forma e se desenvolve, plenamente ou não, segundo sua condição de ser satelizada ou não, estrutura esta geradora do subdesenvolvimento e da exploração da população urbana e rural.

Com essa construção teórica o autor rejeita a tese da feudalidade das haciendas latino-americanas e dos latifúndios brasileiros. Para ele, essas estruturas sempre estiveram vinculadas ao mercado, sofrendo vicissitudes de acordo com ele. Para ele, a realidade dialética histórica atual é que as formas de produção no interior das haciendas e latifúndios e as flutuações do mercado internacional estão intimamente ligados. Gunder Frank chega a afirmar que qualquer tentativa de se entender um fato isolado do outro está fadado ao fracasso. Afirma a necessidade de se compreender a causa externa para poder mudar a dinâmica interna desses países. Defende a opinião de que o caminho para o desenvolvimento não é assimilar ou integrar a população marginalizada da sociedade subdesenvolvidas no sistema capitalista. Para o autor, o problema dos países latino americanos é o próprio sistema capitalista e sua estrutura monopolista que divide os países, as regiões e os locais entre exploradores e explorados. A drenagem da riqueza dos países latino-americanos para o exterior instaura o subdesenvolvimento com suas típicas instituições monopolizadoras de terras e exploradoras da mão de obra. O capitalismo seria responsável pelo próprio subdesenvolvimento. Por esta razão, somente subvertendo-se a ordem é que o problema estaria resolvido.

Afirmado a validade da luta revolucionária, o autor sustenta a necessidade de uma reforma agrária que propicie uma radical transformação da ordem social latino-americana. Descarta com isso as propostas de reforma agrária que excluem qualquer mudança política significativa, como querem os

latifundiários, e também os projetos comunistas que defendem a necessidade de integração dos camponeses nos sistema capitalista nacional. Segundo ele, esses dois projetos destacam-se pela falta de rapidez com que promovem alterações na estrutura social.

Gunder Frank analisa mais detalhadamente a proposta de reforma agrária dos partidos comunistas e constata que esse é um projeto que, por pressupor a incorporação dos camponeses na vida política nacional, necessita da mobilização de todas as forças progressistas contra as forças conservadoras. Mas salienta que é um projeto que respeita o *status quo* e deixa intactas as bases do poder capitalista colonialista monopolista. O teórico marxista afirma que o ritmo lento das continuadas transformações bloqueia a mobilização das forças progressistas porque permite que os conservadores, dentro do marco das instituições existentes, mantenham a habilidade para retardar a reforma agrária e diluí-la. As manobras políticas que os progressistas empregam para combater a oposição conservadora demandam, segundo ele, compromissos que debilitam a reforma agrária e a convertem em uma série de medidas parciais. O ritmo lento das transformações cria grupos de interesses preocupados em manter as novas vantagens conquistadas, por isso, são grupos que tendem a se aliar aos setores conservadores. Deste modo, Gunder Frank sustenta que a reforma agrária proposta pelos comunistas abre espaço para a contra-revolução.

O publicista defende uma reforma agrária que transforme a estrutura social e elimine o poder conservador. Contudo, ressalta que essas medidas não resultariam na liquidação automática dos latifúndios. O objetivo da revolução socialista descrita por ele é a destruição do poder das burguesias nacionais, grupo político considerado como decisivo para a manutenção do subdesenvolvimento e da estrutura colonialista da metrópole-satélite e pela sobrevivência de instituições monopolizadoras de terras e exploradoras da mão de obra.

Gunder Frank elege a revolução burguesa mexicana de 1910 como caso paradigmático negativo porque demonstra que, apenas eliminando os feudais, a revolução agrária revolucionária não acontece. Esse movimento fracassou, segundo ele, porque deixou intacto a poder da burguesia contrária a reformas agrícolas de mais largo alcance. O autor afirma que os interesses dos latifundiários e da burguesia nacional em países Latino-Americanos não são independentes. Para ele, os setores capitalistas, que possuem o poder decisivo, permitem sobreviver os latifundiários, sacrificando, assim, os mercados rurais. Por sua vez, os latifundiários, ao monopolizar a terra, fornecem mão-de-obra barata para as cidades, garantindo a tranqüilidade e estabilidade política para o sistema capitalista. A revolução mexicana teria proporcionado o crescimento de uma agricultura neo-latifundiária, por isso não é considerada como medida de reforma agrária pelo autor.

Com esse argumento, ele invalida qualquer proposta de reforma agrária que vise apenas substituir o feudalismo pelo capitalismo.

Sólo la reforma agrária acompañada por una transformación socialista de la sociedad es realmente operante y merecedora del nombre. La reforma agrária efectiva no puede ser hecha por los conservadores, ni siquiera contra los conservadores. Ella solo puede hacerse sin conservadores (FRANK, 1973: p. 219).

Deste modo, Gunder Frank acha inapropriado termos como restos feudais, traços pré-capitalistas, não capitalistas ou semi-capitalistas para designar o atraso ou a sobrevivência em países subdesenvolvidos com instituições monopolizadoras de terras e exploradoras da mão de obra. Embora utilize-se da noção de colonialismo interno, o autor não concorda com interpretações que afirmam a existência de um dualismo entre moderno e arcaico em países subdesenvolvidos. Para ele, esses países sempre foram capitalistas desde sua origem. Atraso e moderno são prerrogativas inseparáveis do próprio

desenvolvimento capitalista. São reflexo da dinâmica explorador versus explorado que estrutura esse modo de produção e se reflete tanto no plano interno como no plano externo aos países. Assim, o capitalismo forma um todo integrado marcado pela tensão entre suas partes.

Deste modo, haveria para Gunder Frank uma contradição nas teses duais que afirmam que o atraso acontece em partes isoladas dos benefícios da modernidade capitalista. Argumenta que o erro dessas é conceber o moderno e arcaico como realidades estaques e independentes que não apresentam interconexões estruturais entre si. Desse tipo de interpretação que viria a ideia errada de que bastaria um processo de difusão da modernidade capitalista dos países avançados para os subdesenvolvidos para que estes superem o atraso. Gunder Frank afirma que, ao se propor isso, invalida-se a ideia das mudanças estruturais como dínamo do processo histórico.

Gunder Frank recupera a noção de totalidade histórica e, ao mesmo tempo, chama atenção para os processos dialéticos e tensos que tem origem entre as partes que compõem o todo instável da realidade capitalista. Desse olhar vem a suposição de que as filosofias mais opostas do nosso tempo, o marxismo e o liberalismo, errariam ao apontar para o mesmo caminho: o desenvolvimento do capitalismo como solução para o dualismo. Essa afirmação é feita tendo em vista a atuação dos partidos comunistas e liberais que defendiam a necessidade da realização da revolução burguesa ou do aprofundamento do capitalismo para se alcançar o desenvolvimento na América Latina.

O autor considera como fenômenos tipicamente capitalistas as instituições monopolizadoras de terras e exploradoras da mão de obra, a estrutura de classes, o imperialismo e a estrutura do colonialista metrópole-satélite que atinge o globo e o faz ter países, regiões e locais em desenvolvimento desigual, isto é, com áreas desenvolvidas e subdesenvolvidas.

Deste modo, chega a conclusão de que o conceito de colonialismo interno e externo não possui explicação muito mais ampla que o de classes sociais. Em ambos estaria contida a mesma ideia de que a relação de exploração constitui o capitalismo. Com isso, ele enfatiza a ideia de que o capitalismo se desenvolve produzindo constelações metrópoles-satélites, isto é, relações de exploração entre as burguesias de diversos países, regiões e locais e com seus respectivos proletariados.

Contraria a ideia de que a formação de uma verdadeira organização proletária na América Latina somente se pode realizar por meio da aliança tática com a burguesia. Para ele, esse ponto de vista condena a validade da proposta marxista-leninista de transformação revolucionária e impõe a ideia de que as sociedades latino-americanas precisam aderir ao gradualismo do desenvolvimento econômico capitalista

4. A crítica ao reformismo burguês, ao reformismo democrático e ao populismo.

Gunder Frank não considera a tendência para o gradualismo aberto que a realidade brasileira possui como positiva. Refere-se a teóricos como Celso Furtado que, segundo ele, endossam esse tipo de dinâmica e condenam a corrente política que almejava por transformações rápidas³.

Na sua opinião, Celso Furtado considera retrógrado o ponto de vista da corrente marxista-leninista porque ela se baseia em métodos revolucionários. Defende que a substituição da ditadura de uma classe por outra não faz sentido em uma sociedade complexa e aberta como a brasileira. A complexidade viria do fato de que o país era aberto para os trabalhadores industriais, mas fechado para os trabalhadores rurais. Gunder Frank afirma que isso o leva a supor que a ruptura cataclísmica era legítima para a população rural, mas não para a população urbana, que ansiava por mudanças em ritmo lento e gradual. A existência dessa complexidade, o faz julgar mais apropriado mudar a

³ FRANK, 2005.

estrutura arcaica do país por meio do gradualismo aberto, isto é, por meio do desenvolvimento gradual e evolutivo do setor rural⁴.

O publicista marxista defende que Celso Furtado tinha como pressuposto a crença de que em sociedades abertas e com liberdade individual a mudança não se processa como previa o marxismo.

Gunder Frank não compartilha dessa visão. Para ele, o método gradualista teve um inegável fracasso no mundo subdesenvolvido porque não superou o subdesenvolvimento e representou sacrifício da liberdade humana, principalmente das populações rurais. Sustenta que pelos poucos ganhos sociais que trouxe a pré-revolução de Furtado, ela se configura mais como um método de prevenir a revolução do que fazê-la caminhar. Por acreditar que o capitalismo possui como prerrogativa uma estrutura exploradora colonialista-imperialista que instala nos países satélites relações de trabalho arcaicas no campo, defende que não faz sentido uma política de superação da etapa feudal mediante medida de reforma agrária ainda sob instituições capitalistas porque América Latina nunca foi feudal. Considera que o poder no Brasil sempre esteve nas mãos de uma oligarquia burguesa comercial e financeira, cuja fortuna advém de sua participação no sistema imperialista, e que é responsável por relações de trabalho exploradoras da mão de obra rural. Os traços feudais da economia latino-americana presentes na relação proprietário-trabalhador seriam fachadas de uma exploração econômica essencialmente mercantil. Essa seria uma prerrogativa da estrutura monopolista do capitalismo mundial. Por isso, para o autor, a superação do subdesenvolvimento não viria com o aprofundamento das instituições capitalistas, mas da destruição da totalidade desse sistema.

Com esse argumento, o autor desmente a ideia de que não há contradições fundamentais entre burguesia nacional, senhores feudais e burguesia compradora e os imperialistas. Para ele, os interesses industriais, agrários, financeiros, comerciais internos e externos, e especulativos em geral estão todos irmanados. Por essa razão, na sua opinião, não se pode falar em burguesia nacional já que este fragmento também se beneficia do sistema imperialista. Invalida, com isso, a ideia da revolução burguesa defendida pelos liberais e por alguns membros do Partido Comunista Brasileiro (PCB) que preconizavam a política de aliança entre burguesia nacional e massas populares para a superação do suposto feudalismo no campo. Para Gunder Frank, os interesses das massas populares e da burguesia nacional são conflitantes.

Na opinião do publicista, a superação do subdesenvolvimento não se daria mediante uma reforma agrária gradual dentro da ordem capitalista, mas através da luta contra a burguesia nacional pela tática de guerrilha. A sua ideia era a de que a luta contra a burguesia nacional tinha mais apelo do

⁴ Esta crítica se aplica também à teoria de Caio Prado Júnior que defendia a necessidade de uma revolução brasileira gradual que continuasse o processo iniciado em 1888, com a abolição do trabalho escravo. Esta medida seria uma obra de adaptação da grande exploração rural ao regime de trabalho efetivamente livre, sem traços servis ou escravistas. Não era uma revolução democrático-burguesa clássica, no sentido atribuído pelo marxismo, que a representava como um processo de transição do feudalismo para o capitalismo. A ideia de revolução em Caio Prado Júnior giraria, portanto, em torno não de uma ação rupturista, mas do processo lento e gradual de incorporação e integração do trabalhador rural ao capitalismo a partir do desenvolvimento do mercado interno. O autor acreditava que a burguesia não ligada ao Estado tinha um papel positivo a cumprir na consolidação da revolução burguesa, fato que não o faz condenar totalmente a burguesia imperialista (PRADO JÚNIOR, 1996, 2007). Gunder Frank não faz distinção entre Burguesia nacional e internacional ou burguesia heterodoxa e ortodoxa; todas atuariam no mesmo sentido, qual seja, a de aumentar a concentração de terras e impor relações extorsivas de trabalho no campo. Com essa opinião, Gunder Frank faz também uma crítica às teorias como as de Alberto Passos Guimarães que considerava ser necessário primeiramente uma revolução burguesa antiimperialista que proporcionasse uma coalizão entre forças populares e burguesia nacional, para posteriormente dar lugar a uma revolução camponesa de constituição do capitalismo. Por defender um movimento em duas etapas, Guimarães também adere ao projeto burguês do gradualismo e reformismo, embora no futuro, preveja uma revolução camponesa antifeudal (GUIMARÃES, 2007). Entretanto, Gunder Frank centraliza sua crítica a teóricos como Fernando Henrique Cardoso, que acreditavam que o Brasil poderia chegar ao desenvolvimento sem rompimento com os setores burgueses imperialistas e por medidas graduais. (CARDOSO, 1964).

que a mobilização contra a burguesia imperialista e metropolitana. Faz uma análise da estrutura de classes ao nível internacional e nacional e evidencia que a oligarquia latifundista exploradora de mão-de-obra dos países Latino Americanos não possui uma vida independente da burguesia nacional e internacional porque desenvolve uma economia primário-exportadora dependente do mercado.

Com essa tese, invalida o mito do feudalismo brasileiro que supunha que

o desaparecimento da estrutura feudal da agricultura e a introdução ou extensão de uma organização capitalista moderna resolverão ao mesmo tempo: a crise da agricultura e o desenvolvimento da economia nacional. Assim, somente necessitamos mudar algumas coisas no setor agrícola, sem desarmar, e muito menos substituir, o mecanismo capitalista total (FRANK, 2005: p.56)

O ponto alto da argumentação do publicista é o de que “a dualidade ou contradição desenvolvimento-subdesenvolvimento da sociedade capitalista é acompanhado universalmente pela contradição monopolística dos recursos e do poder” (FRANK, 2005: p.64). Gunder Frank argumenta que no sistema capitalista de produção o comércio é mais importante que a produção. Por esta razão, os preços dos produtos agrícolas não servem para cobrir os gastos da produção, mas para satisfazer as necessidades do setor comercial que são as fontes de capital e crédito investidos na agricultura comercial. Explica deste modo, o fato da agricultura comercial ser praticada em latifúndios. A grande propriedade seria a destinação preferida desse capital porque ela manteria baixo os custos da produção, inclusive da indústria, por manter baixos os salários e impedir o acesso dos trabalhadores rurais à terra. Ao mesmo tempo, deixaria os preços dos produtos altíssimos, já que é uma acumulação que não se realiza na produção ou na utilização intensiva da terra, mas, ao contrário, instalando uma cadeia oligopolista no trajeto do humilde trabalhador, impondo preços extorsivos ao consumidor.

Gunder Frank afirma que a consequência dessa cadeia de oligopólios é que a agricultura de subsistência fica relegada a um setor residual da agricultura comercial, com menos acesso à terras, à créditos, às investimentos, transporte, comércio, etc. Isso aconteceria porque o pequeno produtor não teria condições de fazer frente às oscilações do setor financeiro e comercial, principais setores creditícios no capitalismo comercial e monopolista. Somente o grande produtor consegue acompanhar as oscilações do mercado financeiro, fato que traria como contrapartida a subprodução da produção para consumo geral e a superprodução para exportação e a especulação.

Deste modo, o autor não deixa dúvidas de que as relações proprietário/trabalhador tidas como feudais na agricultura e a concentração da terra são determinadas por essa determinação vinda do além-mar, que faria a economia brasileira sofrer com um alto grau de monopolização na produção, distribuição e comercialização dos produtos industriais e agrícolas, favorecendo o latifúndio e dificultando a inserção da pequena agricultura no mercado. E conclui que o fluxo dos recursos, graças as pressões do setor comercial nacional e internacional, vão da agricultura de subsistência para a agricultura em grande escala. Segundo ele, “O setor de subsistência, precisamente por ser residual quanto à produção e aos lucros, atua como um amortizador que isola, protege e estabiliza pacialmente toda a economia agrícola” (FRANK, 2005: p. 80)

Em Gunder Frank, as relações tidas como feudais na agricultura brasileira não são um atraso para a economia brasileira, ao contrário, são o que mantém a vitalidade do sistema. Ao diagnosticar a presença de uma cadeia monopolista que possui determinação vinda do além-mar, contraria os teóricos que consideravam a relação proprietário/trabalhador como o ponto de partida do subdesenvolvimento brasileiro. Deste modo, os problemas relacionados ao acesso à terra, créditos, capitais, transporte, distribuição, armazenagem, e outras tantas contradições que acometem a economia nacional em seu conjunto, são explicadas pela natureza comercial do capitalismo mundial, caracterizado por essa

incessante cadeia de engarrafamentos monopolistas e oligopolistas que se origina nos países centrais e se ramifica nos países satélites, nas regiões e locais mais longínquos.

Diante desse diagnóstico, o publicista que afirma que a reforma agrária burguesa não resolveria o problema da agricultura brasileira. O direcionamento burguês só daria mais vigor em lugar de enfraquecer, o setor comercial financeiro monopolista que compõe, segundo ele, um sistema mundial com ramificações nacionais e locais, subordinado o setor agrícola, industrial e financeiro a sua lógica concentracionista.

Acredita que apenas o povo poderia acabar com o subdesenvolvimento e por isso se posiciona contra a política reformista que defende a necessidade da paz democrática para a consolidação da revolução burguesa antifeudal como propunha o partido comunista brasileiro e os partidos nacionalistas burgueses. Gunder Frank escreve contra os teóricos da CEPAL e do ISEB, portanto, que defendiam um projeto de reforma agrária capitalista que visava a superação dos traços feudais de nossa agricultura, mas que não punha fim aos latifúndios. Na sua opinião, tratava-se de um projeto burguês de aprofundamento do capitalismo e de racionalização da agricultura⁵.

Sua crítica a essa política apoiada pelo PCB brasileiros e por teóricos burgueses era a de que ela não alterava a estrutura de classes responsável pela monopolização da economia e da agricultura. Concorda com esses ideólogos quando eles afirmam que havia uma interação contínua entre agricultura de subsistência, economia mercantil e comércio internacional. Porém, ao contrário do que estes supunham, não acreditava que o aumento dessas inter-relações provocariam a extensão das formas capitalistas de produção até as economias de subsistência.

O autor acaba por fazer uma crítica aos partidos brasileiros que aderem ao nacionalismo econômico, ao reformismo democrático e à ideia da revolução burguesa ao afirmar que o subdesenvolvimento apenas será superado por meio de uma reforma agrária que subverta a estrutura de classes e consolide o socialismo.

As bem conhecidas linhas reformistas que encaram separadamente o setor agrícola – ou menos parte dele – e o setor internacional imperialista, erram evidentemente o alvo. A análise feita aqui põe em dúvida sua base teórica, não apenas da ideologia burguesa, mas também dos partidos comunistas do Brasil e de outros países da América Latina, que formulam seus programas e suas alianças com a burguesia partindo da premissa de que a revolução burguesa ainda está por ser feita. São simplesmente os interesses capitalistas dos grupos de latifundiários-mercadores, investidores e comerciantes que se ocultam sob a estratégia e a tática com que a burguesia pretende reformar o capitalismo. A estratégia e a tática dos camponeses e de seus aliados deve consistir em destruir e substituir o capitalismo” (FRANK, 2005: p. 92)

Referencias bibliografias

CARDOSO, Fernando Henrique. Empresário industrial e desenvolvimento econômico. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1964.

FRANK, Gunder. América Latina: subdesarrollo o revolución. México: Ediciones Era, 1973.

_____. Sociologia Del desarrollo y subdesarrollo. El desarrollo del subdesarrollo. Barcelona: Editora Anagrama, 1971.

⁵ O autor se refere, principalmente, a teóricos como Paul Singer, Fernando Henrique Cardoso, Celso Furtado e Luis Werneck Sodré.

_____. “Desenvolvimento do subdesenvolvimento Latino-Americano”. In: PEREIRA, Luiz (Org). Urbanização e subdesenvolvimento. Rio de Janeiro: ZAHAR Editores, 1976.

_____. “Agricultura brasileira: capitalismo e mito do feudalismo”. In: STEDILE, João Pedro. A questão agrária no Brasil: o debate na esquerda – 1960- 1980. São Paulo: Expressão popular, 2005 [1964].

GUIMARÃES, Alberto Passos. “As três frentes de luta de classes no campo brasileiro” [1960]. In: SANTOS, Raimundo. Aгрaristas Políticos brasileiros. Brasília: Fundação Astrogildo Pereira, 2007.

JÚNIOR, Caio Prado. “O Estatuto do Trabalhador Rural” [1963]. In: SANTOS, Raimundo. Aгрaristas Políticos brasileiros. Brasília: Fundação Astrogildo Pereira, 2007.

_____. A Revolução Brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1996.

SANTOS, Raimundo. Aгрaristas Políticos brasileiros. Brasília: Fundação Astrogildo Pereira, 2007.